

# A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

(Para apresentação oral)

*Fr. Gonçalo Pereira Diniz, op*  
*Convento de São Domingos em Lisboa, 21 Abril 2011*

## I

### Ponto prévio

- Nesta nossa apresentação, não nos iremos debruçar sobre a dimensão teológica-sacramental da Eucaristia. Iremos falar fundamentalmente acerca da narrativa da instituição da Eucaristia, *i.e.*, as palavras e os gestos pelos quais Jesus, na Última Ceia, se deu a si mesmo aos discípulos no pão e no vinho. Veremos também, muito brevemente, as prefigurações da Eucaristia no AT, a questão da natureza pascal da Última Ceia, e, ainda, a configuração litúrgica que a Eucaristia tomou na Igreja primitiva.

- “A mensagem neotestamentária não é meramente uma ideia; para ela é determinante precisamente que tenha acontecido na história real deste mundo: a fé bíblica não narra histórias como símbolos de verdades meta-históricas, mas funda-se na história que aconteceu sobre a superfície desta terra. Se Jesus *não* deu aos discípulos pão e vinho como seu Corpo e seu Sangue, então a Celebração Eucarística é vazia, uma piedosa ficção, e não uma realidade que funda a comunhão com Deus e dos homens entre si.”<sup>1</sup>

- Por aqui não se está a dizer que o NT seja um conjunto de livros históricos. O NT é, sim, um conjunto de livros teológicos cristãos, é dizer, são o resultado de uma reflexão apostólica e comunitária à luz da fé em Jesus Cristo, mas reflexão esta que se baseia em concretos factos históricos. É neste contexto que vamos analisar a Última Ceia.

---

<sup>1</sup> Joseph Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré Parte II*, p. 92.

## II

### Prefigurações da Eucaristia no Antigo Testamento

- Sem pretensões de exaustividade, faremos aqui apenas algumas breves menções.

- Desde logo, podemos fazer uma correspondência entre a apresentação das oferendas no altar (o Ofertório), onde damos graças ao Criador pelos dons temporais e pelo trabalho do homem, expressos nas espécies do pão e do vinho, e o gesto de Melquisedec, sacerdote e rei, que traz precisamente pão e vinho para oferecer a Deus, por forma a celebrar uma vitória militar de Abraão, conforme descrição em *Gn 14, 18-19*: “Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e, como era sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou Abraão, dizendo: ‘Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo que criou os céus e a terra!’”.

- A Igreja, tradicionalmente, viu aqui a prefiguração das espécies eucarísticas. Decorrência disto é o facto da Epístola aos Hebreus referir Jesus como sacerdote segundo a ordem de Melquisedec e não segundo a ordem de Aarão.

- Finalmente, é de referir que, nos tempos antigos, era costume selar uma aliança com uma ceia tomada em comum. Em *Gn 26, 30-31a*, no seguimento de uma aliança entre as tropas de Abimelec e o patriarca Isaac, diz-se: “Isaac ofereceu-lhes um banquete, e eles comeram e beberam. No dia seguinte, de manhã, ficaram unidos, por juramento, um ao outro”.

- É na linha dessa tradição que se explica que os israelitas, depois da cerimónia da Aliança no Sinai, “(...) contemplaram a Deus e depois comeram e beberam” (*Ex 24, 11*).

- Portanto, por aqui se vê que a mesa era um espaço tradicional de estabelecimento de alianças. É precisamente numa ceia – a Última Ceia – que Jesus instituirá a Nova Aliança entre Deus e os homens, aliança que se funda na sua pessoa.

### III

#### Os relatos bíblicos da instituição da Eucaristia

- São quatro os relatos que o NT nos oferece acerca da instituição da Eucaristia na Última Ceia de Jesus com os Apóstolos:

- *Mt 26, 26-29;*

- *Mc 14, 22-25;*

- *Lc 22, 19-20;*

- *1 Cor 11, 23-25.*

- Salta à vista a ausência de qualquer referência ao Evangelho segundo S. João, quando, também aqui, há um relato da Última Ceia de Jesus (cfr. *Jo 13, 3-32*). Mas S. João, curiosamente, no seu relato - quando comparado com o relato dos Evangelhos sinópticos - acrescenta alguns elementos e omite outros. Por exemplo, é o único evangelista a referir o gesto do lava-pés durante a Última Ceia.<sup>2</sup> Concomitantemente, omite as palavras da instituição da Eucaristia.

- Efectivamente, no relato joanino não aparecem as palavras de Jesus, onde, após abençoar o pão e o vinho, declarou aos seus discípulos dar-lhes o seu Corpo e o seu Sangue.

- Joachim Jeremias – um dos maiores exegetas bíblicos do século passado (1900-1979), alemão, de tradição protestante – é de opinião que S. João (ou um seu discípulo) omitiu deliberadamente as palavras sagradas de Jesus, para estas não caírem em poder dos círculos gnósticos, que abundavam na Ásia Menor (onde se pensa que terá sido escrito o quarto Evangelho. Há uma forte tradição que liga S. João a Éfeso).<sup>3</sup> As palavras

---

<sup>2</sup> Gesto que ainda hoje se comemora na missa da Ceia do Senhor, na Quinta-Feira Santa.

<sup>3</sup> O gnosticismo existiu desde sempre na história da Igreja. Muito linearmente, os gnósticos constituíam um corpo heterogéneo, fragmentado, de intelectuais que desprezavam o mundo corpóreo e material em geral. Além do mais, acreditavam que a salvação seria alcançada apenas por um pequeno grupo de eleitos/iluminados que, através de determinados processos de iniciação, alcançariam um conhecimento

sagradas de Jesus permaneceriam assim apenas acessíveis aos fiéis que participassem nas celebrações litúrgicas cristãs. Enfim, é uma hipótese.

- Mas, para já, temos um dado seguro: a Eucaristia foi instituída directamente por Jesus, no contexto da sua Última Ceia com os discípulos. E foi tomada em Jerusalém. Dizemos isto, para distinguir os relatos da instituição de outras passagens do NT que, tendo manifesto carácter eucarístico, não nos relatam, contudo, o momento da instituição. Dois exemplos: *Lc 24, 13-31* (discípulos de Emaús) e *Jo 6, 22-59* (discurso do Pão do Céu). No primeiro caso, Jesus dá-se a conhecer àqueles discípulos desconhecidos, quando se senta com eles à mesa, toma o pão, pronuncia a bênção, parte e entrega-lhes o pão. No segundo caso – *Jo -*, Jesus, pregando numa sinagoga em Cafarnaúm, para escândalo de muitos (inclusivamente por parte dos seus próprios discípulos), dirá, expressamente: “Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei-de ressuscitá-lo no último dia, porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue uma verdadeira bebida.” – *vers. 54-55*.

- São textos de teor eucarístico. Quanto a isto não há dúvida. Contudo, não são textos de instituição do sacramento da Eucaristia.

- (Voltando agora às narrativas da instituição...) (*Ler as narrativas*)

- Como se pode constatar, no seu núcleo essencial, as quatro narrativas são muito semelhantes. De todo o modo, verifica-se que *Mc/Mt* apresentam uma tradição com algumas diferenças em relação aos relatos de *Paulo/Lc*. E, de facto estamos perante duas tradições ou “modelos de fundo” (J. Ratzinger): de um lado, a chamada *tradição petrina* (pois S. Marcos foi discípulo de S. Pedro), onde se integra, portanto, *Mc*, e/mas também *Mt*, pois este último concorda em grande parte com o texto de *Mc*; por outro lado, temos a chamada *tradição paulina*, onde se integra, naturalmente, *1 Cor*, e ainda *Lc*, que se assemelha ao texto paulino (S. Lucas foi discípulo de S. Paulo).<sup>4</sup>

---

secreto salvífico. O docetismo – a primeira heresia cristológica - é uma manifestação clara desta forma de pensar. Esta heresia afirmava que a Incarnação de NSJC fora meramente aparente, desvalorizando assim a realidade humana de Jesus.

<sup>4</sup> Pedro foi testemunha ocular da Última Ceia e transmitiu a Marcos. Paulo, por sua vez, encontrou-se com os Apóstolos, entre os quais o próprio Pedro (*Gl 1, 18-19*; *2 e Act 15, 2-4* [‘concílio de Jerusalém’]).

- Mas tratam-se de diferenças não essenciais, eminentemente formais, que revelam uma perspectiva diferente. Como veremos, estas diferenças não inquinam a substancial afinidade entre as duas tradições em atribuir a Jesus a instituição da Eucaristia, bem como os dados fundamentais que a ela se referem.

- Nas quatro narrativas, o Senhor toma o pão e pronuncia sobre ele uma bênção de agradecimento. Nos textos originais gregos, *Paulo/Lc* utilizam o termo '*eucharistia*' – literalmente, 'acção de graças' e *Mc/Mt* utilizam o termo '*eulogia*' – 'abençoar'. Ambos os termos podem ser reconduzidos ao termo hebraico '*berakah*', a grande oração de agradecimento e bênção da tradição judaica, que faz parte tanto do ritual pascal como de outras refeições.

- De seguida, Jesus parte o pão e distribui-o pelos seus discípulos. A bênção de acção de graças pelo pão e a sua repartição por todos é um gesto evocativo de um bom pai de família à época de Jesus, que dá graças a Deus pelos dons temporais de que resultam – através do trabalho humano - o pão e o vinho.

- É também um gesto de hospitalidade e de acolhimento, valores tão caros aos povos semitas. Efectivamente, convidar alguém para comer connosco, à nossa mesa, é um gesto da máxima consideração e amizade.

- Finalmente, o gesto de partir o pão e reparti-lo tem também uma dimensão de caridade, de amor ao próximo, de partilha fraterna. Naturalmente, este gesto de partilha generosa adquire na Última Ceia uma profundidade inteiramente nova: é Jesus que se dá a si mesmo, quando diz, a respeito do pão, "Isto é o meu Corpo", antecipando assim o Mistério Pascal.

- Em relação ao cálice com vinho, que Jesus faz coincidir com o seu sangue (símbolo da vida no judaísmo), o que é também comum a todas as quatro narrações, constatamos que o sangue constitui um elemento típico na aliança entre Deus e os homens. Mas aqui surgem umas ligeiras inflexões, que revelam uma diferente tonalidade teológica, mas que acabam por se complementar.

- Efectivamente, *Mc* e *Mt* falam do “sangue da Aliança”, aludindo com isto a *Ex 24,8*. Trata-se da Aliança do Sinai, em que Israel prometia fidelidade à Lei de Deus. Ora, precisamente, um dos ritos desta Aliança consistiu na aspersão do sangue de animais sacrificados sobre o altar – que simbolizava Deus – e sobre o povo (os dois ‘contraentes’ da Aliança). *Paulo* e *Lc*, por sua parte, falam de “Nova Aliança”, referindo-se já à passagem profética de *Jr 31,31*, que fala numa “Nova Aliança” - entre Deus e os homens – inscrita/gravada no coração.

- Portanto, estamos diante de dois cenários veterotestamentários, representativos da Lei (*Ex*) e dos Profetas (*Jr*), respectivamente. No acolhimento da Lei e dos Profetas, Jesus é o único novo mediador para o Pai, pois é no seu Sangue que se faz, doravante, a aliança com Deus.

- Além disso, *Mc* e *Mt* falam do derramamento do sangue “por muitos” (*‘pollôn’*),<sup>5</sup> aludindo deste modo a *Is 53,12*, enquanto *Paulo* e *Lc* dizem “por vós” (*‘úmôn’*), levando assim a pensar imediatamente na comunidade dos discípulos.<sup>6</sup>

- De todo o modo, uma e outra expressão constituem um claro aceno ao carácter de sacrifício: “por muitos” ou “por vós”, Jesus está, livremente, a entregar a sua vida ao Pai para salvação da humanidade.

- Esta dimensão sacrificial, que está ao fim e ao cabo presente nas duas tradições, revela que a “Mesa do Senhor” é também “Altar”, espaço por excelência da oferta dos sacrifícios (onde se imolavam as vítimas).

- Destacaríamos ainda as seguintes diferenças entre as duas tradições: a tradição paulina distingue-se pela ordem de renovar a ceia - “fazei isto em memória de Mim” -, que está ausente na tradição petrina. Segundo o Cardeal Saraiva Martins, trata-se de um preceito do próprio Jesus e não de um mero inciso de S. Paulo.

---

<sup>5</sup> Traduzido em muitas Bíblias como “por todos”.

<sup>6</sup> Isaías, na passagem referida, profetiza acerca da paixão do ‘Servo de Yahweh’: “(...) porque ele próprio entregou a sua vida à morte, e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos...”.

- Uma explicação bastante plausível para o silêncio de *Mt* e *Mc* é a de que eles não a referem explicitamente, porquanto já pressupõem semelhante prática. Além do mais, *Mt* e *Mc* já referem o mandato de Jesus aos discípulos para que comam e bebam - “tomai e comei”; “bebei dele todos” -, que não aparece em *Paulo* e *Lc*. Ora, este mandato, ao nível do seu conteúdo, é equivalente ao preceito “fazei isto em memória de Mim”.

- Assim, diferentemente do sacrifício da cruz, realizado de uma vez por todas, a Ceia do Senhor não estava destinada a permanecer um facto isolado; antes, devia continuar a ser celebrada através dos tempos, como “memorial de Cristo”.

- Finalmente, outra diferença a ter em atenção é que, segundo a tradição paulina, Jesus tomou o cálice “depois da ceia”, ao passo que, segundo a tradição petrina, tomou-o imediatamente depois das palavras pronunciadas sobre o pão.

- No que diz respeito à índole/carácter dos relatos da instituição, eles são sem dúvida de natureza litúrgica, é dizer, tratam-se de relatos que se transmitiram, num primeiro momento, através das celebrações rituais cristãs das primeiras comunidades, desde logo nas reuniões que se faziam para a “fracção do pão” ou para comemorar a “Ceia do Senhor” (que constituem duas das expressões mais antigas para referir a celebração da Eucaristia e que podem ser encontradas, nomeadamente em *Act* e em *I Cor*).

- Portanto, as narrativas da instituição da Eucaristia constituem textos já estabelecidos num contexto litúrgico, em uso nas diferentes Igrejas apostólicas, e que foram posteriormente recolhidos ‘*qua tale*’ pelos evangelistas (sinópticos) e por S. Paulo que, por sua vez, podiam controlar melhor do que ninguém a autenticidade destas narrativas (ver nota 4).

- A tradição petrina baseia-se mais em tradições litúrgicas palestinenses; a tradição paulina baseia-se mais em tradições litúrgicas do mundo helenista.

- Repare-se: há uma linguagem comum e o estilo é conciso, reduzido ao essencial, onde é óbvia a intenção, não de referir tudo o que se passou na Última Ceia de Jesus com os seus discípulos, mas apenas aqueles elementos de maior importância, aos quais Jesus tinha conferido um valor novo. A grande preocupação é, pois, a de relatar o mistério

salvífico manifestado no evento histórico da Última Ceia, sem preocupação em descrever todos os pormenores.

- Uma outra razão em favor da índole litúrgica dos relatos da instituição é vista no paralelismo das palavras pronunciadas sobre o pão e sobre o vinho. Em relação ao pão: “Tomai, comei: isto é o Meu Corpo”; e em relação ao cálice: “Bebei dele todos. Porque este é o Meu Sangue...” (Cfr. *Mt 26, 26-29*).

- Quanto às pequenas diferenças que vimos atrás, serão sempre inevitáveis: quando 12 pessoas – sem gravador nem câmara de televisão – dão testemunho de um mesmo facto, o seu testemunho nunca será 100% coincidente em termos de exposição, de compreensão, de sensibilidade teológica, de dar maior relevância a um ponto do que a outro, etc. Mas nem por isso deixa de se referir a um mesmo evento: a Última Ceia de Jesus com os Apóstolos.

- Por isso, a questão das *'ipsissima verba Jesu'* (J. Jeremias) mantém-se uma questão em aberto para os exegetas.

- A transmissão litúrgica, por sua vez, só abona em favor da autenticidade do sentido das palavras e dos gestos de Jesus, pois toda a liturgia religiosa é, por natureza, um espaço de celebração e adoração do divino/sagrado. Portanto, a menor deformação ou adulteração *do sentido* das palavras e dos gestos de Jesus seria sempre entendido como uma gravíssima profanação, uma traição ao testamento do Senhor. O rigor próprio da liturgia cristã, e de toda a liturgia religiosa em geral, é, pois, garante da veracidade das palavras e dos gestos eucarísticos deixados pelo próprio Jesus, isto sem prejuízo das nuances, dos realces, de um enfoque particular que cada uma das tradições nos comunica.

#### IV

#### **A Última Ceia é ou não ceia pascal?**

- Há uma controvérsia entre os exegetas acerca do carácter pascal (judaico), ou não, da Última Ceia.



- Esta controvérsia prende-se com a diferente cronologia entre o relato da Última Ceia nos Evangelhos sinópticos e o relato joanino da Última Ceia.

- Segundo a cronologia sinóptica (*Mc 14,12.17* [par. *Mt 26, 17-19; Lc 22, 7-8.11.13*] e *Lc 22, 15*), a Última Ceia de Jesus foi uma refeição pascal, que teve lugar na noite da vigília da Páscoa, em Jerusalém, numa Quinta-Feira.<sup>7</sup>

- Ainda segundo a cronologia sinóptica, Jesus morre no dia da própria festa pascal (Sexta-Feira).

[- (*Explicação breve*) A Páscoa judaica é a festa litúrgica que celebra a libertação do povo judeu da escravidão do Egipto. Essa festa realiza-se no dia 14 Nisan. Trata-se de uma das 3 festas de peregrinação (obrigatória) a Jerusalém (as outras são: Pentecostes e Tendras/Tabernáculos). ‘Nisan’ é o mês do calendário hebraico que coincide aproximadamente entre os nossos meses de Março e de Abril. É o mês das festas da Páscoa e dos Ázimos.]

- Mas a cronologia joanina apresenta-nos alguns dados diferentes. Com efeito, segundo *Jo 18,28* (confirmado em *Jo 19, 14.31*) as autoridades judaicas que levam Jesus ao tribunal de Pilatos evitam entrar no pretório “(...) para não se contaminarem e poderem celebrar a Páscoa”. Assim sendo, no momento da acusação de Jesus perante Pilatos, ainda não se tinha celebrado a ceia pascal (judaica).

- Daqui se conclui que a Última Ceia descrita em *Jo* não teve carácter pascal, porquanto extemporânea.

- Quanto ao resto, o desenrolar dos acontecimentos permanece o mesmo: na 6ª-Feira, a vigília da festa (e não a própria festa), o processo e a execução capital; no Sábado, o repouso no sepulcro; no Domingo, a Ressurreição (J. Ratzinger, p. 95).

---

<sup>7</sup> Nessa noite, Jesus foi preso e apresentado no Sinédrio; na manhã de 6ª Feira foi condenado à morte por Pilatos e, pela “hora tertia” (cerca das 9h:00) foi crucificado. A morte de Jesus deu-se à hora nona (cerca das 15h:00). Ao cair da tarde – vésperas de Sábado – José de Arimateia recolheu o Corpo de Jesus e deu-lhe sepultura. Esta sepultura devia ter lugar antes do pôr-do-sol, pois então começava o Sábado. O Sábado é, pois, o dia de repouso sepulcral de Jesus. A Ressurreição, por sua vez, tem lugar na manhã do “primeiro dia da semana” (v.g. Domingo).

- Ainda segundo a cronologia joanina, Jesus morre na hora em que são imolados no templo os cordeiros pascais (os cordeiros eram imolados na vigília da festa pascal). Jesus morre, portanto, como o verdadeiro Cordeiro.<sup>8</sup>

- Qual é a cronologia que está certa? A dos sinópticos ou a joanina?

- A questão está em aberto. Há argumentos a favor da cronologia sinóptica, e, consequentemente, de que a UC de Jesus foi efectivamente uma ceia pascal; e argumentos a favor da cronologia joanina, dizendo que a UC de Jesus não teve carácter pascal. Houve até quem tentasse conciliar as duas cronologias (caso de Annie Jaubert).

- A favor da cronologia sinóptica, tem-se argumentado, por exemplo, com o facto da cronologia joanina ser essencialmente simbólica e teológica, para fazer coincidir a hora da morte de Jesus com a imolação dos cordeiros pascais, na véspera da festa pascal, e que por isso deve ser descartada. É o caso de Joaquim Carreira das Neves.

- A favor da cronologia joanina, tem-se argumentado, por exemplo, com o facto da cronologia sinóptica determinar que o processo judicial e crucifixação de Jesus tenha tido lugar no próprio dia da festa pascal, o que se torna difícil de conceber. É o caso de Joseph Ratzinger e John P. Meier.

- Há um facto que reforça a argumentação daqueles que defendem que a UC de Jesus não teve carácter pascal: com efeito, não há qualquer referência nos Evangelhos (quer os sinópticos quer o joanino), nem tão-pouco em Paulo, à presença, na UC de Jesus, quer do cordeiro pascal quer das ervas amargas, que constituíam dois pratos típicos da ceia pascal judaica.<sup>9</sup>

- Mas, mesmo assim, também se poderá argumentar teologicamente contra esta constatação, afirmando-se que os hagiógrafos deliberadamente omitiram esses dois

---

<sup>8</sup> *Cronologia sinóptica*: 5ª para 6ª – UC; 6ª – morte de Jesus e festa pascal; Sáb. – repouso sepulcral; Dom. – ressurreição.

*Cronologia joanina*: 5ª – UC (ou antes *¿*?); 6ª – Morte de Jesus na vigília pascal; Sáb. – repouso sepulcral (e festa pascal judaica); Dom. – ressurreição.

<sup>9</sup> Já os pães ázimos e o vinho estão presentes na Última Ceia.

pratos, porquanto o ‘cordeiro pascal’ seria o próprio Jesus e as ‘ervas amargas’ estariam subentendidas na Paixão e Morte que Jesus anunciava na sua Última Ceia.

Enfim, a questão continua em aberto...

- No âmbito de uma refeição pascal judaica, ou não, a Última Ceia não deixa, contudo, de ter carácter pascal (cristão): a antiga Páscoa judaica – que comemorava a passagem/libertação do povo hebreu da escravidão do Egipto para a Terra Prometida – dá agora lugar a uma nova e definitiva Páscoa (ou ‘passagem’): a da morte à vida; do pecado para a liberdade, fundada numa pessoa: Jesus Cristo.

## V

### **A Eucaristia na Igreja nascente (Configuração litúrgica da Eucaristia – evolução)**

- Desde sempre que a Igreja celebra a Eucaristia - numa primeira fase, em casas particulares (as primeiras eucaristias tinham, pois, um carácter doméstico) -,<sup>10</sup> conforme o comprovam os testemunhos mais antigos.

- A título de exemplo, e sob variadas designações – além da própria expressão “Eucaristia”, temos ainda as designações “Ceia do Senhor”, “Oblação”, “Mesa do Senhor”, “Acção”, “Sacrifício”, e “Fracção do Pão” -,<sup>11</sup> podemos indicar os seguintes testemunhos escritos, que nos revelam que a Eucaristia foi celebrada, tanto na Igreja da Judeia como nas da Ásia Menor, imediatamente a seguir ao Pentecostes:

a) A 1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios (*1 Cor 10, 21; 11, 20; 16, 1*).

b) A ‘fracção do pão’ de Jesus com os discípulos de Emaús, relatada por S. Lucas no seu Evangelho (*Lc 24, 30*) e o livro dos Actos dos Apóstolos

---

<sup>10</sup> Apenas com o édito da liberdade religiosa, do imperador Constantino, em 313, é que a celebração eucarística deixa as casas privadas e passa para a basílica, que constitui então o lugar público comum para a reunião cultural dos cristãos. A Eucaristia perde então o seu carácter doméstico, para passar a ser presidida por um bispo, assistido pelo seu presbitério, segundo um rito litúrgico elaborado.

<sup>11</sup> O termo “Missa” ou “Santa Missa”, que quer dizer ‘despedida/envio’, surgiu numa fase mais tardia. Para ilustrar melhor esta situação, basta pensar que na Regra de S. Bento (s.VI), a palavra ‘missa’ servia apenas para designar as orações finais do Ofício.

(Act 2, 42; 9, 13; 20, 7), que é do mesmo autor. A “fracção do pão” aparece, no texto lucano, como o centro da vida da comunidade, para o qual convergem todos os outros elementos mencionados: a escuta do ensino apostólico, a comunhão fraterna e as orações.

c) Na *Didaché, IX* (“Doutrina dos 12 Apóstolos”, documento que remonta ao séc. I).

d) Por sua vez, o tema da Eucaristia é amplamente desenvolvida pelos primeiros Padres da Igreja, nomeadamente pelos Apologetas dos primeiros séculos. É o caso de Stº Inácio de Antioquia (+ 107). Stº Inácio afirma que a Eucaristia não é um acto profano ou indiferente, mas uma ‘acção litúrgica’ celebrada sob a presidência do bispo, pastor da comunidade, ou pelo seu representante, assistido pelo ‘*prebyterium*’ e os diáconos. Diz-nos ainda que “(...) a Eucaristia é a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, aquele que sofreu por nós e que o Pai, na sua bondade, ressuscitou” (ver Card. Saraiva Martins, p. 55).

e) Mas o texto onde mais claramente se pode perceber a estrutura de uma celebração eucarística, cuja linhas mestras permanecem até ao dia de hoje, encontra-se na “Apologia I” de S. Justino (séc. II). E, de facto, é um texto que espanta pela sua simultânea antiguidade e actualidade.

(*Ler texto anexo e comentar. Ver texto abreviado em Cat. Igr. Cat. nº 1345*)

## Bibliografia

- CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *Jesus Cristo – História e Fé*, Editorial Franciscana, Braga, 1989.
  
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1993.
  
- JEREMIAS, Joachim, *La Ultima Cena. Palabras de Jesús*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1980.
  
- MARTINS, José Saraiva (Cardeal), *Eucaristia*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005.
  
- RATZINGER, Joseph (Bento XVI), *Jesus de Nazaré – Parte II: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Princípia, Cascais, 2011.